

TRANSIÇÕES SILENCIOSAS: A CONSTRUÇÃO DO REGIME TEOCRÁTICO NA DISTOPIA *SUBMISSÃO*

TAINÃ DA SILVA PINTO¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – tainadasilvapinto523@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado em Letras, na área de Literatura, que investiga o poder das teocracias e as dinâmicas de controle social nas distopias *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood, e *Submissão* (2015), de Michel Houellebecq. O recorte aqui apresentado concentra-se especificamente em *Submissão*, com o objetivo de analisar o romance a partir da perspectiva de democracias que se transformam gradualmente em regimes teocráticos. Diferente das distopias que normalmente retratam imposições abruptas e violentas, a obra evidencia mudanças discretas que começam com pequenas concessões da sociedade, consolidando-se sob o discurso da necessidade moral e do desgaste das instituições democráticas.

No romance *Submissão* (2015), a França de 2022 passa por uma virada política em que o partido islâmico Fraternidade Muçulmana conquista o poder por meio de uma estratégia pragmática e moderada, ganhando adesão social ao prometer ordem e estabilidade. A mudança silenciosa se expressa em transformações no cotidiano, especialmente no espaço feminino, onde a imposição do uso do hijab, a exclusão das mulheres do mercado de trabalho e a legalização da poligamia se apresentam quase como medidas sociais naturais.

Para compreender essas dinâmicas, fundamenta-se a análise nas contribuições de HANNAH ARENDT (2013) sobre o totalitarismo, que apontam como líderes autoritários justificam suas ações como parte de um curso histórico inevitável, manipulando massas fragilizadas pela crise e pelo individualismo exacerbado. KAREN ARMSTRONG (2001) também contribui para a compreensão do fundamentalismo religioso como fenômeno político que instrumentaliza a fé para consolidar o poder, desfigurando sua essência espiritual. Além disso, adota-se a visão de GREGORY CLAEYS (2010), que compreende as distopias como narrativas ficcionais que apresentam cenários sociais e políticos negativos, elaborados de forma verossímil, sem recorrer a elementos totalmente fantásticos ou irrealistas. Essas perspectivas teóricas ajudam a compreender como *Submissão* (2015) pode ser lido como um alerta sobre os riscos que rondam as democracias atuais.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e analítico, tendo como objeto de estudo o romance *Submissão* (2015), de Michel Houellebecq. O recorte adotado concentra-se especificamente nas transformações sociais e políticas apresentadas na obra, com ênfase na transição gradual de uma democracia laica para um regime teocrático. A análise foi desenvolvida a partir de uma leitura atenta da obra, identificando passagens que ilustram essas mudanças e suas implicações.

Esses elementos narrativos foram relacionados ao referencial teórico composto por Hannah Arendt (2013), Karen Armstrong (2001) e Gregory Claeys (2010), cujas reflexões sobre totalitarismo, fundamentalismo religioso e distopia permitem compreender o romance como um alerta sobre ameaças às democracias contemporâneas. Vale destacar que a análise está em desenvolvimento e vem sendo articulada com outras fontes, como artigos acadêmicos, dissertações, teses, e materiais jornalísticos, permitindo aproximar o enredo de contextos históricos e atuais, reforçando sua dimensão crítica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo analisa o romance *Submissão* (2015), com foco na transformação gradual da França de 2022, que passa de uma democracia laica a um regime teocrático. Antes da ascensão do partido Fraternidade Muçulmana, a política do país seguia um padrão previsível, alternando-se entre governos de centro-esquerda e centro-direita. Embora essa alternância pudesse transmitir uma sensação de estabilidade, também gerava estagnação, reduzindo a política a uma disputa entre grupos rivais. Nesse contexto, surgiram novas forças partidárias, como o partido islâmico, que conquistou apoio ao adotar um discurso moderado e pragmático, ganhando a confiança do eleitorado.

O novo regime trouxe mudanças significativas, afetando de forma particular a vida das mulheres. Elas foram gradualmente afastadas do mercado de trabalho e da vida acadêmica, enquanto o uso do hijab e a poligamia passaram a ser normatizados. O protagonista François acompanha essas transformações com uma postura marcada por erotização seletiva, mostrando como parte dos homens se adapta às vantagens sociais e sexuais oferecidas pela nova ordem. A poligamia, por exemplo, se torna quase natural na vida social, refletindo a acomodação masculina diante dessa nova realidade.

O romance demonstra que a consolidação de um regime teocrático pode ocorrer sem violência explícita, explorando o cansaço diante das incertezas democráticas e o desejo de pertencimento social. Os benefícios direcionados a grupos masculinos privilegiados consolidam a adesão à nova ordem política, legitimando simultaneamente a restrição da autonomia feminina. Do mesmo modo, crises internas e o individualismo exacerbado contribuem para a maior vulnerabilidade das massas frente a formas de autoridade, em consonância com a perspectiva de Arendt. (2013) sobre líderes totalitários que manipulam massas fragilizadas.

Para além de sua dimensão ficcional, *Submissão* (2015) dialoga com contextos históricos e contemporâneos, indicando paralelos com governos conservadores e fundamentalistas no Brasil e nos Estados Unidos, onde a instrumentalização da fé e a restrição gradual de direitos impõem reconfigurações sociais silenciosas (CRUZ, 2023). Nesse sentido, o romance funciona como um alerta para os riscos que rondam as democracias atuais, dando forma à noção de CLAEYS (2010) de que as distopias projetam mudanças políticas e sociais negativas. Muitas vezes, essas mudanças se sustentam em justificativas que, como observa ARENDT (2013), aparecem como desdobramentos naturais ou como expressões de uma ordem histórica tratada como indiscutível.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se então que *Submissão* (2015) mostra como mudanças políticas graduais podem transformar profundamente uma sociedade de forma quase imperceptível, evidenciando a consolidação do autoritarismo sem a necessidade de violência explícita. O romance aborda alterações sutis no cotidiano e na vida, sobretudo das mulheres, indicando como normas restritivas podem se tornar naturalizadas e como ocorre a adaptação e acomodação social diante dessas mudanças. A obra apresenta cenários de risco que alertam para fragilidades das democracias contemporâneas, alinhando-se à teoria de CLAEYS (2010) e dialoga ainda com reflexões sobre totalitarismo, instrumentalização da fé e manipulação das massas, conforme destacam ARENDT (2013) e ARMSTRONG (2001). Este estudo, ainda em desenvolvimento, evidencia o potencial da análise literária para compreender a interseção entre narrativa e realidade política, abrindo espaço para investigações comparativas e contextualizações históricas mais amplas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. **As Origens do Totalitarismo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

CLAEYS, G. **The Cambridge Companion to utopian literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CRUZ, R. S. **O romance sociológico em Michel Houellebecq**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023.

HOUELLEBECQ, Michel. **Submissão**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.